

JACQUES LACAN

UM EQUÍVOCO

SEMINÁRIO DE 18 DE JANEIRO DE 1977

O real continua o imaginário

Texto estabelecido por J.-A. Miller

Estou há quarenta e oito horas esgotado em fazer o que chamarei uma quatraça (*quatresse*).

A trança está no princípio do nó borromeano. Com efeito, por menos que se cruze de modo conveniente estes três fios, vocês o encontrarão na ordem, na sexta manobra (figura 1), e é isto o que constitui o nó borromeano. Se vocês procedem doze vezes, vocês obtêm um outro nó que, coisa curiosa, não é visualizado imediatamente, mas tem, no entanto, o caráter borromeano. O primeiro nó, com seis cruzamentos, é este (figura 2), com doze cruzamentos, é este (figura 3).

Que pensar desta trança? Não há nenhuma razão, ao nível da quatraça, para que possamos supô-la inteiramente suspensa no espaço. Ela é, no entanto, visualizável na medida em que é colocada no plano.

À época, pretensamente reservada às férias, passei a me esgotar de tentar colocar em funcionamento um outro tipo de nó borromeano, que seria feito obrigatoriamente no espaço. Eu partia, com efeito, não do círculo, mas do tetraedro.

Os preconceitos que eu tinha – não se trata nada menos que disso – me levaram a operar com as quatro faces e não com as seis arestas. Ora, com as faces, é difícil, impossível fazer um trançado correto – é preciso as arestas.

Aqui estão quatro esferas nas quais isso está representado. Eu lhes remeto a elas, gostaria de ver-lhes voltar a elas, porque não as tenho elucidado plenamente. Vocês constatarão que o trançado, não de seis mas de doze é fundamental. Não se poderia, com efeito, exercitar o trançado dos tetraedros sem partir da trança.

Essas esferas não são semelhantes. Há quatro delas, não sem razão, mas é uma razão que ainda não dominei.

Gostaria que, dessa trança a três que é basal na operação dos nós borromeanos tetraédricos, vocês tirassem a conclusão que, mesmo para os tetraedros, é preciso a colocação no plano, esférico, no caso, para que se perceba que os cruzamentos tetraédricos são borromeanos. Quer dizer que o tetraedro que está embaixo, o terceiro tetraedro, passa por baixo, e o tetraedro que está em cima, o terceiro tetraedro, passa por cima. É por causa disso que estamos ainda no nó borromeano.

É bem importuno que mesmo no espaço, mesmo a partir de um pressuposto espacial, estejamos sempre constrangidos a suportar – afinal de contas, somos nós que suportamos – o plano. Que isto quer dizer, senão que mesmo quando manipulamos o espaço, jamais vemos senão sobre superfícies? As superfícies, que não são, sem dúvida, banais porque as articulamos precisamente como planas.

Sobre as esferas que acabo de distribuir, é manifesto que a trança fundamental, a que se entrecruza doze vezes, faz parte de um toro. Podemos materializá-la no nível da trança de doze, mas aliás também no nível da trança de seis (...)

É um fato jamais percebido que tudo o que concerne ao nó borromeano só se articula por ser tórico. Um toro se caracteriza por ser um furo. Ora, o furo é muito difícil de definir.

O nó do furo, com seu plano, é essencial porque é o único princípio da contagem dos furos. Só há, até o presente, em matemática, um único modo de contar os furos, que é passar por eles, ou seja, fazer um trajeto. É o que se chama de grupo fundamental. E é nisso que a matemática não domina plenamente o de que se trata.

Quantos furos há em um nó borromeano? Isso é problemático. No plano, há quatro, isto é, menos do que no tetraedro, em cada uma das faces do qual se pode fazer um furo, dois, até mesmo três ou quatro. Cada face combinado-se com todas as outras e mesmo podendo passar de novo por si, vemos mal como contar os trajetos constituintes do grupo fundamental. Somos, portanto, reduzidos à constância de cada um desses furos que, por essa razão, se esvanece de um modo inteiramente sensível, porque um furo não é grande coisa.

Como distinguir o que faz furo e o que não faz? Talvez a quatraça possa nos ajudar a compreender isso.

Na quatraça trata-se, com efeito, de alguma coisa que solidariza esse furo, o qual se encontra no que qualifiquei os três círculos que formam o nó borromeano, com o quarto elemento (figura 4). Isto é equivalente (figura 5). Trata-se, no caso, de uma representação do real, do imaginário, do sintoma e do simbólico. O

simbólico é aqui o que é preciso pensar como o significante, o significado sendo um sintoma, como tal distinto do corpo, ou seja, do imaginário.

Observemos que esse modo de fazer a cadeia nos interroga sobre isto, que o real está muito especialmente suspenso ao corpo.

Se o *x* que está lá se abrisse, o imaginário se continuaria no real (figura 6). É bem isso, com efeito, o que se passa, porque os corpos não são produzidos, de modo mais fútil, senão como apêndices, se assim posso dizer, da vida, dito de outro modo, daquilo sobre o que Freud especula quando fala do gérmen.

Encontramos aí, em torno da função falante, alguma coisa que isola o homem. E não é senão em função disso que não há relação sexual. O que podemos, no caso, chamar a linguagem supriria isso. É um fato – o blá-blá-blá móvel o que se distingue do que não há relação.

Seria preciso, neste caso, que colocássemos o real (figura 7), sem que pudéssemos saber onde ele se detém, em continuidade com o imaginário - e que em outros termos, isso começa aí, bem no meio do simbólico.

Isso explicaria que o imaginário se redobre no simbólico, mas, por outro lado, que seja estranho a ele, com testemunha o fato de que não haja senão o homem a falar.

Gostaria que alguém me interpelasse a propósito do que hoje tentei formular penosamente, é claro, pois o simbólico não é fácil de exprimir. Se alguém que, de bom grado, me dar a réplica, eu ficaria agradecido.

RESPOSTAS

Sr. X – Será que a abertura do real e do imaginário, o simbólico estando redobrado sobre si mesmo, supõe que você passe do domínio do homem ao da vida? De tudo o que é vivo?

Sra. Y – Ele disse que o homem era o único a falar.

Sr. X – Mas não é o único a viver.

Dr. Lacan – Não é certamente o único a viver.

Sr. Z – Se a função falante isola o homem, que é feito das manifestações pré-verbais, tais como a pintura, a música, todas as artes que não passam pela *talking-cure*? O ato da pintura é o fato de uma abertura, mas por uma continuidade que seria um pouco como quando você chupa caramelo – isso faz fios. Digamos que entre o sujeito e o lugar do Outro, isso faz fios.

Dr. Lacan – Creio que seu pré-verbal é, no caso, totalmente modelado pelo verbal. Diria que é quase um hiper-verbal. O que você chama de fios, filamentos, é profundamente motivado pelo símbolo.

Sr. Z – Também creio, mas a via não passa pelo processo do simbólico. Não se trata de colocar em dúvida ou em falta seu ensino...

Dr. Lacan – Não há nenhuma razão para que se coloque meu ensino em falta. Tento dizer que a arte está além do simbólico. A arte é um saber-fazer, o simbólico está no princípio do fazer. Creio que há mais verdade em dizer que é a arte do que em não importa que blá-blá-blá. Não quer dizer que isso se faça por não importa que via. E isso não é pré-verbal – é um verbal ao quadrado.*

* Tradução: Jairo Gerbase; 05/11/98.